

**OS FALARES DO SERTÃO BAIANO:
UM RESGATE AO RECONHECIMENTO
DO CARÁTER PLURIÉTNICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Moacir da Silva Côrtes Junior (UNEB)

m.cortes.jr@bol.com.br

RESUMO

Este projeto visa desenvolver pesquisas em vernáculo do português brasileiro, em amostras de fala rural na região do sertão sisaleiro do estado da Bahia. Os estudos são desenvolvidos com base nas teorias da sociolinguística e da gramática gerativa. As pesquisas utilizam a metodologia variacionista para as análises relacionadas aos aspectos sociais da língua e a teoria gerativista para as análises intralinguísticas dos diferentes fenômenos analisados. Busca-se, com este projeto, fornecer fundamentos empíricos para um melhor entendimento da realidade linguística do português popular brasileiro.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Gramática gerativa. Português brasileiro. Fala rural.

1. Considerações iniciais

Este trabalho tem dois objetivos: o primeiro é apresentar um projeto de pesquisa cujo título nomeia este próprio trabalho, que tem por finalidade também duas grandes tarefas principais: a de construir um banco de dados de fala rural do sertão da Bahia, mais especificamente, da região sisaleira localizada a partir da cidade de Conceição do Coité e comunidades circunvizinhas, além de desenvolver pesquisas nas áreas da sociolinguística e da gramática gerativa com graduandos do curso de letras da UNEB, *Campus XIV*, na referida cidade, bem como disponibilizar o banco de dados para pesquisadores interessados. O segundo é mostrar que é possível se fazer pesquisa empírica unindo duas teorias de objetos de estudo tão distintos e consideradas opostas no cenário científico, isto é, a teoria sociolinguística e a gramática gerativa.

Na primeira seção deste texto, faço uma breve explanação dos objetivos do projeto citado; descrevo a equipe de trabalho; apresento a metodologia que guia todos os procedimentos de coleta e análise dos dados e por fim, mostro algumas propostas de estudo desenvolvidas. Discurso também sobre a proposta de intervenção que o projeto pretende realizar nas comunidades parceiras que abrem suas portas para nos receber e dialogar conosco.

Na segunda seção, aponto para as perspectivas de pesquisa conciliando a teoria sociolinguística e a gramática gerativa mostrando que é possível um trabalho de complementaridade. Faço também um breviário das duas teorias, apresentando uma pesquisa já realizada neste sentido e os resultados alcançados.

Na terceira e última seção, trago as considerações finais sintetizando as discussões tratadas neste texto focalizando as questões relacionadas ao projeto de pesquisa, às abordagens teóricas selecionadas para estudo e as controvérsias acerca dos caminhos hoje percorridos pela língua portuguesa falada no Brasil.

2. Os falares do sertão baiano em foco

A elaboração deste projeto partiu de uma vontade de contribuir com as pesquisas linguísticas que buscam desmistificar os ditos “erros” apontados na fala de pessoas de origem rural ou de camadas sociais menos privilegiadas de nossa sociedade cujos vernáculos são extremamente estigmatizados e mostrar que muitas dessas construções consideradas como desvios da norma padrão também estão presentes na fala do povo brasileiro em geral, de intelectuais, de empresários, de jornalistas, de donas de casa, de professores, do ensino básico ou de nossas universidades, entre tantas outras profissões, com maior ou menor frequência.

Busca-se com este projeto, principalmente, fazer ouvir as vozes dos indivíduos moradores da zona rural do sertão da Bahia, das comunidades sertanejas, que, por natureza, já sofrem pelo sol ardente do dia a dia na tarefa árdua de tirar o sustento da família na terra seca do sertão. Nossa proposta vai além de apenas coletar dados de fala para *scane-ar* a língua desses indivíduos, servindo-nos de meros ‘objetos’ para a análise dos fenômenos linguísticos existentes na sua fala¹⁵, a ideia é manter um diálogo contínuo com essa comunidade para saber de seus objetivos de hoje e de amanhã, disponibilizando-nos a trabalhar em conjunto em busca de melhorias para a comunidade. Pensamos ser essa a nossa contrapartida para essas comunidades que gentilmente abrem suas portas para nos receber, contando suas histórias de vida, suas alegrias e frustrações, propondo-nos a fazer uma ‘intervenção’ nas comunidades. Pensan-

¹⁵ Para conhecer mais sobre as análises predominantes na academia que usa os informantes como meros ‘objetos’ de pesquisas ver: Pierre Boudieur, *A Reprodução – Elementos para uma teoria do sistema de ensino* (1975).

do em ‘intervenção’ como um “trabalho conjunto” entre nossos pesquisadores e os indivíduos moradores das comunidades visitadas. Sendo assim, a visão de ‘intervenção’ acolhida aqui remete à de Gilvan Müller que é:

(...) estabelecer *parcerias* com as comunidades falantes das línguas brasileiras, isto é, as línguas faladas pelos cidadãos brasileiros: escutar essas comunidades, suas demandas culturais e linguísticas, colocando-se a serviço de seus planos de futuro; qualificar suas demandas a partir de uma relação dialógica, (...). ‘Intervenção’ significa então: trabalho conjunto com as comunidades linguísticas que conformam o país. (OLIVEIRA, 2005)

A partir dessa perspectiva de diálogo e de trabalho conjunto com as comunidades selecionadas, pretendemos desenvolver nosso trabalho de parceria, vivenciando sua história do lado de dentro, não mais do lado de fora, tal qual o comportamento restrito a discussões e debates do meio científico acadêmico.

O projeto conta com uma equipe de pesquisadores formada por alunos graduandos do curso de letras vernáculas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Departamento de Educação, *Campus XIV*, Conceição do Coité, Bahia e professores também do mesmo departamento. Os graduandos/pesquisadores desenvolvem pesquisas, sob a orientação de um professor, acerca da gramática das comunidades de fala rural do sertão baiano, analisando diferentes processos sintáticos, fonológicos e morfológicos da língua em seu funcionamento real, buscando compreender a “relação entre língua e o funcionamento da mente humana, por um lado, e da constituição histórica da língua e da evolução da sociedade, por outro, [...]” (LUCCHESI, 2015, p. 16)

A proposta do projeto se baseia na construção de um banco de dados de fala rural da região sisaleira do sertão da Bahia, em cinco comunidades situadas nos distritos de Aroeiras, Bandiaçu, Joazeiro, São João e Salgadália¹⁶, que compõem a cidade de Conceição do Coité, distrito que deu o nome à cidade a partir da divisão territorial datada de 2014. O município de Conceição do Coité está situado a cerca de 210km da cidade do Salvador, capital da Bahia, com área territorial de 1.016.006Km², segundo censo demográfico 2010 do IBGE. Sem fugir da regra dos municípios criados no estado da Bahia, o de Coité começou por uma povoação com aspecto de fazenda ou sítio de família. A economia do município es-

¹⁶ Antes da criação do projeto, a professora Lucia Parcerro, também da UNEB, Coité, integrante do projeto, já havia produzido um *corpus* de fala rural da comunidade de Maracujá, que hoje faz parte do banco de dados do projeto.

tá baseada na produção de sisal, numa cultura de exportação, na criação de gado de corte, criação de caprinos e nas lavouras de alimentos, como mandioca, feijão, milho, numa estrutura fundiária de pequenas e médias propriedades rurais. Ainda segundo o instituto, em 2010 a população da cidade era de 62.040, estimando um crescimento em mais de 67.651, previsto para 2014.

Na constituição dos *corpora*, foram selecionados doze indivíduos de cada comunidade pesquisada, perfazendo um total de sessenta indivíduos. Para uma maior homogeneidade de parâmetros, foram considerados os seguintes fatores para os informantes entrevistados: (i) ter nascido e residido na localidade até os 14 anos de idade; (ii) após os 14 anos, não ter residido fora da localidade por mais de dois anos; (iii) ser filho de pais nativos da comunidade; (iv) ter pouca ou nenhuma escolaridade. Quanto aos critérios sociais para a seleção dos informantes, foram consideradas as seguintes variáveis: a *faixa etária* (faixa I de 20 a 35 anos, faixa II de 36 a 55 anos e faixa III a partir de 56); *sexo*: masculino (M) feminino (F); *tempo de permanência na comunidade* (os informantes deverão ter no mínimo passado os 10 últimos anos de permanência na comunidade); *escolaridade* (analfabeto e semianalfabeto).

Para cada comunidade considerada adequada para pesquisa, foram selecionados 12 (doze) indivíduos sendo, 2 homens e 2 mulheres correlacionando-os com os fatores descritos acima da seguinte forma:

- 2 mulheres da faixa I, analfabeta e semianalfabeta, com e sem estada fora da comunidade; 2 homens da faixa I, analfabeto e semianalfabeto, com e sem estada fora da comunidade;
- 2 mulheres da faixa II, analfabeta e semianalfabeta, com e sem estada fora da comunidade; 2 homens da faixa II, analfabeto e semianalfabeto, com e sem estada fora da comunidade;
- 2 mulheres da faixa III, analfabeta e semianalfabeta, com e sem estada fora da comunidade; 2 homens da faixa III, analfabeto e semianalfabeto, com e sem estada fora da comunidade.

A descrição dos indivíduos pode ser melhor observada a partir do quadro – 1 abaixo.

Código da comunidade	Sexo do informante	Faixa etária	Escolaridade	Estada fora da comunidade
XX-01	F	I	S	E
XX-02	M	I	A	N
XX-03	F	I	S	E

XX-04	M	I	A	N
XX-05	F	II	S	E
XX-06	M	II	A	N
XX-07	F	II	S	E
XX-08	M	II	A	N
XX-09	F	III	S	E
XX-10	N	III	A	N
XX-11	F	III	S	E
XX-12	M	III	A	N

Quadro – 1. Descrição dos informantes entrevistados na pesquisa

No que se refere à escolha do fator escolaridade dos indivíduos selecionados, para uma maior evidência de vernáculo rural do português brasileiro, condicionou-se para a pesquisa indivíduos com baixa escolaridade ou nenhuma, variando entre analfabeto e semianalfabeto. Com isso, pretende-se confrontar-se com um dialeto sem as marcas da prescrição da normatização escolar, apesar de uma realidade de ensino longe do que se esperaria de uma formação adequada quanto à aprendizagem da norma padrão da língua.

3. Breve panorama das teorias em estudo

No que se refere às pesquisas linguísticas em foco no nosso projeto, tentamos revelar parte do panorama de hoje do vernáculo rural na perspectiva de perceber as variedades do português brasileiro a partir de um “contínuo dialetal que se estende desde os vernáculos rurais isolados em um extremo até a variedade urbana padrão das classes de mais prestígio” (BORTONI-RICARDO, 2005, cap. 4). Criou-se então um cenário linguístico bipartido da sociedade brasileira desde o período colonial que se seguiu durante e após o processo de urbanização que resultou em duas culturas distintas, a rural e a urbana que, sem dúvida, produziu um enorme fosso linguístico entre os indivíduos das duas populações. (Cf. LUCCHESI, 2009)

Desde a colonização, os sertões brasileiros tiveram participação decisiva na constituição do que hoje se configura como o português do Brasil, seja em sua modalidade popular ou em sua modalidade culta, considerando que mesmo nessa última as interações, tanto culturais quanto linguísticas, que as populações urbanas e rurais estabeleceram entre si é fato incontestável, excetuando-se as comunidades rurais que se mantiveram isoladas e quase sem contato com a população das cidades.

Pode-se dizer que o processo de urbanização no Brasil se desenvolveu com características bem atípicas se comparado ao de países ocidentais da Europa e da América do Norte, por exemplo, uma vez que a urbanização nesses países teve atrelada ao crescimento industrial e consequente desenvolvimento tecnológico. No caso de o Brasil, por exemplo, a vinda da coroa portuguesa, em 1808, foi um marco no seu processo de urbanização. Após a corte portuguesa se instalar na cidade do Rio de Janeiro, tornando-a capital do país, a cidade se desenvolveu rapidamente e logo se transformou no centro de difusão do padrão de língua e no modelo de urbanização e expulsão cultural nos moldes europeus.

Para Pereira de Queiroz (1978 *apud* BORTONI-RICARDO, 2011, p. 31), o fenômeno de crescimento das cidades que aconteceu no Brasil não deveria ser considerado como processo de urbanização de fato, visto que este está diretamente ligado à industrialização, sendo assim, melhor caracterizá-lo como “difusão cultural do modo de vida burguês ocidental eminentemente urbano”. Aderir a esse modelo de vida burguês, contudo, estava condicionado maior poder econômico, o qual, no caso do Brasil, vinha do desenvolvimento agrícola e não da industrialização. Embora o Rio de Janeiro não tivesse seu desenvolvimento urbano caracterizado pela expansão industrial, e sim impulsionado pela cora portuguesa, uma vez que o processo de industrialização brasileiro só teve início no final de 1940, sua sociedade exibia um sistema de estratificação social típico de modelos de comunidades urbanizadas e industrializadas.

Segundo Southall (1973), há uma distinção entre industrialização econômica e industrialização social, fato que deve ser considerado quando da análise do desenvolvimento econômico e social de comunidades urbanizadas. Para ele, é necessário distinguir industrialização econômica da industrialização social e naturalmente vários graus de cada uma delas. Em uma cidade que é economicamente industrializada, a função principal é industrial; já uma cidade que não seja industrial, mas cuja estrutura e população pressupõem e dependem de tecnologias e de produtos industrializados, trazidos de fora, é socialmente industrializada. Enquanto a industrialização no Ocidente [Europa e América do Norte] foi primeiro econômica e depois social, no restante do mundo geralmente ocorreu o contrário. (SOUTHALL, 1973)

Como explica Pereira Queiroz, esse processo de crescimento que aconteceu nas cidades litorâneas brasileiras produziu um abismo entre a cultura popular do interior e a cultura burguesa que emergia nos centros das cidades mais ricas. Esse abismo entre cidade e campo fez crescer um

sentimento de superioridade dos habitantes das cidades em relação aos habitantes das áreas rurais no que diz respeito à condição socioeconômica e à proximidade do modelo de língua lusitano falada pela população urbana.

Referindo-se à questão da variação linguística e à formação do português brasileiro, Lucchesi (2009) aponta para o fato de os estudos da historiografia linguística do Brasil ter que superarem as limitações dos registros históricos que, em sua maioria, restringiram-se “à língua da elite colonial e do Império, de indivíduos que adquiriam o português como língua materna a partir de modelos de falantes nativos dessa língua” (p. 30). Ele afirma que essas análises diacrônicas, feitas em tempo real, retratam o que ocorreu apenas com um terço da população brasileira, deixando à margem o que aconteceu com os outros dois terços de descendentes africanos e indígenas. Para Lucchesi (2009), a polarização sociolinguística define e marca a formação histórica da realidade linguística brasileira, que de um lado tinha uma elite sempre de olhos voltados para a Europa, copiando seus modelos culturais e linguísticos e de outro a grande maioria da população de pluralidade étnica e cultural, tão marginalizada e discriminada. Tal polarização desfaz qualquer estudo que apresente uma única história para o português brasileiro.

Nos estudos que desenvolvemos com nossos pesquisadores graduandos, também nos debruçamos no processo de urbanização do Brasil no período colonial e as implicações que isso acarretou na língua dos povos que aqui viviam, pois consideramos de grande importância para que se compreendam melhor as transformações que sofreu o português em terras brasileiras. A urbanização do Brasil teve reflexo direto na relação entre as populações que moravam no campo e as que moravam nas cidades litorâneas, bem como na relação entre a diversidade linguística e a estratificação das classes sociais.

Como afirma Lucchesi (2009), toda a sócio-história brasileira apresenta motivos de sobra para que sua realidade linguística seja vista como um *sistema polarizado*, dividido por dois grandes subsistemas, de um lado uma *norma culta* e de outro uma *norma popular*. Acrescenta que cada um desses subsistemas tem sua lógica própria, “com suas respectivas tendências de mudança linguística e seu sistema particular de avaliação subjetiva”. (LUCCHESI, 2009, p. 42)

Serafim da Silva Neto (1951, p. 88-89, *apud* LUCCHESI, 2009, p. 53) em seus estudos para traçar a história da língua portuguesa, nos

inícios do ano 1950, já apontava para a existência de duas modalidades do português falado no Brasil, que ele chamava de “dualidade linguística”, em que se tinha lado a lado; a “nata social”, uma pequena elite, composta por brancos e mestiços que ascenderam socialmente, cujos indivíduos dominavam o *português culto*, aproximado ao português padrão lusitano; e uma massa de descendentes de “índios, negros e mestiços da colônia”, totalmente à margem de qualquer modelo digno de cidadania, que falava um *português popular*, bem distante do padrão d’além mar, um português resultante da mistura das línguas de índios e negros africanos e seus descendentes que o adquiriram a partir do que Lucchesi chama de *processo de transmissão linguística irregular*, nas situações de contato entre línguas abrupto, massivo e radical. (LUCCHESI, 1998, 2001a, 2002b, 2006a)

3.1. A sociolinguística em resumo

Os estudos linguísticos que relacionam a língua e os fatos sociais foram fundamentais para desfazer as ideias estruturalistas que propunham estudar a língua eliminando tudo que não fosse proveniente de sua estrutura abstrata. Em meados do século XIX, Antoine Meillet¹⁷ já apontava em seus textos a importância de estudar a língua e seu caráter social, afirmando que “a linguagem é eminentemente um fato social” (CALVET, 2002, 13). Segundo Calvet (2002), o duelo entre as abordagens estruturalistas e sociolinguísticas teve início logo depois da publicação (póstuma) do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, e foi com William Labov, com seus estudos empíricos, que a sociolinguística se consolidou de uma vez como uma ciência social.

Em 1963, Labov destaca o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística na realização do seu trabalho sobre a variação dos ditongos pelos falantes da ilha de Martha’s Vineyard, localizada em Massachusetts (EUA). Nesse texto, o autor relaciona fatores como sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses. As técnicas desenvolvidas em Martha’s Vineyard foram melhor elaboradas e aplicadas, em 1964, por Labov

¹⁷ Embora Antoine Meillet, no início de sua trajetória, tivesse seus estudos comparados a Saussure, considerado até como seu discípulo, após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, ele demonstrou seu total distanciamento, afirmando que “ao separar a variação linguística das condições externas a que ela depende, Ferdinand Saussure a priva de realidade, ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável”. (MEILLET, 1921, *apud* CALVET, 2002)

em outra pesquisa sobre a estratificação social do inglês de Nova York. Ao finalizar sua pesquisa, Labov fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico capaz de dar conta da influência de fatores extralinguísticos no contexto social de comunidades urbanas. Esse modelo ficou conhecido como sociolinguística variacionista ou teoria da variação.

Na obra intitulada *Modelos Sociolinguísticos*, Labov (1983) deixa claro que, ao publicar seus primeiros estudos sobre Martha's Vineyard e a cidade de Nova York, na década de 60, a sua intenção era introduzir a contraparte social inerente às línguas, que até então ficara de lado nos estudos realizados. A sua pretensão era estudar “a língua falada tal como é utilizada na vida cotidiana pelos membros de uma sociedade organizada, esse veículo de comunicação em que eles argumentam com suas esposas, brincam com seus amigos e enganam seus inimigos”.¹⁸ (LABOV, 1983, p. 23, tradução nossa)

Discorrendo sobre a variação, Monteiro (2000, p. 16) afirma que “os propósitos de descrever a heterogeneidade linguística e de encontrar um modelo capaz de dar conta da influência dos fatores sociais que atuam na língua somente passaram a ter êxito com os trabalhos de Labov”. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível. A sistematização da variação implica a delimitação dos fenômenos variáveis a serem analisados (variável dependente) e dos fatores que os regulam (variáveis independentes). Assim, a principal tarefa da sociolinguística é correlacionar a variável dependente com variáveis independentes como contexto linguístico, estilo ou categorias sociais.

A variação é percebida como requisito ou condição do próprio sistema linguístico. Ela é essencial à própria natureza da linguagem humana, pois a língua não é usada de modo homogêneo por todos os falantes. Em nosso projeto, ao trabalharmos com o conceito de variação linguística, pretendemos demonstrar que ela ocorre em todos os níveis de funcionamento da língua, seja fonológico, morfológico, sintático, semântico, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Assim, estamos desenvolvendo pesquisas, analisando fenômenos linguísticos em diferentes níveis de funcionamento da língua.

¹⁸ *el lenguaje hablado tal como lo utilizan en la vida cotidiana los miembros de una sociedad organizada; ese vehículo de comunicación en que discuten con sus esposas, juegan con sus amigos y engañan sus enemigos.* (LABOV, p. 23)

3.2. A gramática gerativa em resumo

Embora saibamos que é possível se falar em uma gramática do português brasileiro, sabemos que cada comunidade de fala pode apresentar diferentes opções em relação a algumas de suas propriedades estruturais; assim, em diferentes comunidades podem concorrer gramáticas com algumas particularidades distintas em cada grupo.

A questão da relação entre “gramática” e “comunidade de fala” é um dos temas que tem gerado grandes discussões dentro das ciências linguísticas, apresentando diferentes pontos de vista condicionados por perspectivas teóricas distintas. A caracterização da diversidade teórica nas ciências linguísticas é exatamente a possibilidade de se realizarem diferentes abstrações acerca de um mesmo objeto. E cada teoria linguística é, na verdade, um modo particular de ver a realidade da linguagem humana. (BORGES, 2004, p. 22)

Uma das concepções sobre o conceito de gramática, relacionada com sua substância, foi a de que “a gramática é uma e a mesma para todas as línguas, ainda que possa variar acidentalmente” (BACON, *apud* CHOMSKY, 1994, p. 21). O entendimento de “substância”, invariável, nessa concepção, foi por muito tempo vista como a mente e seus atos, sendo que as línguas particulares se utilizam de muitos mecanismos, uns originados da razão humana e outros arbitrários e casuais, para que possam expressar continuamente o pensamento nas línguas humanas.

Para Chomsky, a definição de gramática está relacionada ao conhecimento que o falante tem de sua língua materna, sendo esse conhecimento inato e geneticamente determinado. E acrescenta o conceito de gramática universal, como o estágio inicial de um falante que está desenvolvendo uma língua. Essa gramática universal é constituída de valores (princípios e parâmetros) que vão sendo fixados na mente do falante e que se constituirão nas gramáticas particulares, isto é, nas línguas naturais. Essa gramática, ou essa capacidade humana de desenvolver uma linguagem única, sem dúvida, diferencia os seres humanos de qualquer outra espécie viva do planeta. Supondo ser tudo isso verdadeiro, Chomsky postula que o ser humano possui, em seu aparo genético, uma faculdade da linguagem, como um órgão qualquer de sua estrutura biológica, tal qual o sistema circulatório, o sistema visual, ou o sistema imunológico. Uma espécie de subsistema de um sistema mais complexo.

Para Chomsky, essa faculdade da linguagem faz parte de cada um dos aspectos da vida dos indivíduos, dos pensamentos e também da interação entre os seres humanos. Acrescenta que

ela é, em grande parte, responsável pelo fato de, sozinhos no universo biológico, os seres humanos terem uma história, uma diversidade e evolução cultural de alguma complexidade e riqueza, e mesmo sucesso biológico, no sentido técnico de seu número ser enorme. (CHOMSKY, 1998, p. 18)

Desse modo, ele não desconsidera que a linguagem humana está diretamente ligada a toda espécie de cultura e toda a sócio-história que constituem a complexidade a vida humana. Para ele, no estudo da espécie humana, “a cultura e o contexto entram na medida em que você tenta construir um entendimento mais completo de como é a vida humana. Essas abordagens não estão em conflito: uma apoia a outra” (CHOMSKY, 1998, p. 62). Com isso, Chomsky tenta mostrar que não há problema algum no fato de uma teoria deter-se mais na natureza biológica da linguagem enquanto outra estuda a linguagem considerando o contexto e cultura. Acrescenta ainda que pesquisas sérias nessas áreas se enriquecem, tirando conclusões umas das outras.

Ao questionar a língua como um fator de identificação cultural, Mira Mateus (2006) afirma ter sido levada a rever as diferentes perspectivas acerca das relações entre língua e cultura, considerando os diversos pontos de vista dos filósofos da linguagem. Destaca que para Humboldt (1972, p. 33, *apud* MATEUS, 2006, p. 65), “uma língua nunca alcançará uma excelente constituição gramatical se não tiver o feliz privilégio de ser falada, pelo menos uma vez, por uma nação de inteligência viva ou de pensamento profundo”. Para ele, o mérito de uma língua está em suas formas gramaticais, o que permite “a representação do pensamento abstrato”. Segundo Mateus (2006), fica evidente, portanto, haver entre língua e pensamento que caracteriza uma nação ou sua cultura, uma dialética que impele a elevação do pensamento abstrato, tendo como mola propulsora a superioridade nacional.

Pinker (2002), em seu livro *O instinto da linguagem*, ao discorrer sobre a relação linguagem e cultura, observa que a primeira não pode ser considerada como uma mera invenção da segunda, mais sim, “um produto de um instinto humano específico”. Nesta relação, afirma que:

As invenções culturais variam muito de sociedade para sociedade em termos de sofisticação; dentro de uma sociedade, as invenções têm o mesmo nível de sofisticação. Alguns grupos contam fazendo marcas em ossos e cozinham em fogos que eles produzem girando gravetos na lenha; outros usam computadores e fornos de micro-ondas. No entanto, a linguagem acaba com

essa correlação. Existem sociedades da Idade da Pedra, mas não existe uma língua da Idade da Pedra¹⁹. (PINKER, 2002, p. 21)

Evidencia-se, portanto, nas palavras de Pinker, que de um lado está a interpretação da linguagem como manifestação das capacidades cognitivas e da organização conceptual do conhecimento, e de outro, como uma atividade advinda da experiência cultural e social do indivíduo. Como observa Mateus (2006), a interpretação de Pinker mostra-se completamente distante da perspectiva romântica que entendia a língua apenas como um produto da cultura de um povo.

4. Considerações finais

Como mencionado nas considerações iniciais deste texto, nossas pesquisas buscam conciliar as abordagens teóricas da sociolinguística e da gramática gerativa. Aparentemente, poder-se-ia pensar: como é possível realizar uma pesquisa sob a luz de duas teorias cuja concepção do objeto de estudo é tão diferente? Faraco (2005, p. 102-103) afirma que “[...] essa é a questão central [...] (a concepção de linguagem) que vai direcionar o modo como dada orientação teórica vai entender a mudança, o que, por sua vez, vai determinar seus diferentes métodos. Contudo acrescenta:

Em razão da diversidade teórica que caracteriza a ciência em cada momento de sua história, e em razão dos respectivos conflitos entre teorias e a teoria e o real, o processo acumulativo se dá menos por somas do que por amplas reelaborações teóricas, isto é, por retomadas de questões empíricas e procedimentos analíticos em novas chaves interpretativas (FARACO, 2005, p. 105)

E prosseguindo sua análise, Faraco diferencia o ecletismo (um amontoado acrítico, ingênuo, de teorias) da possibilidade de compatibilizar teorias, isto é, de compartilhar interpretações teóricas com o objetivo de colher bons frutos, como observou Duarte (1996, p. 160) ao se referir aos estudos de Fernando Tarallo (1987) que, reinterpretando os modelos importados, propôs uma “sociolinguística românica paramétrica”, procurando conjugar as teorias sociolinguística e gerativista, em busca de um melhor entendimento da sintaxe do português brasileiro.

¹⁹ *Cultural inventions vary widely in their sophistication from society to society; within a society, the inventions are generally at the same level of sophistication. Some groups count by carving notches on bones and cook on fires ignited by spinning sticks in logs; others use computers and microwave ovens. Language, however, ruins this correlation. There are Stone Age societies, but there is no such thing as a Stone Age language.* (PINKER, 1995, p. 27)

Concordando com Faraco sobre a possibilidade de trabalho com diferentes linhas teóricas, Mattos e Silva (2008) explica que o Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), na prática de quase quinze anos, não segue uma linha teórica única, pois em seu grupo participam estruturalistas, variacionistas, gerativistas, funcionalistas, filólogos, lexicólogos/lexicógrafos, todos em busca de reconstruir a sócio-história do português brasileiro.

Sem desconsiderar as distâncias que separam esses dois grandes modelos teóricos, a sociolinguística e a gramática gerativa, ambos têm contribuído, decisivamente, para a compreensão das questões que envolvem a mudança linguística: nos planos dos princípios teóricos, nos planos da metodologia, bem como nos critérios de verificação empírica.

Esta pesquisa, portanto, a partir da união da teoria sociolinguística variacionista com a teoria da gramática gerativa, analisando o comportamento linguístico de comunidades de fala popular em regiões do Sertão baiano e reafirmando a posição de Lucchesi e Ribeiro, busca “integrar os elementos da teoria da gramática e a análise dos padrões coletivos de uso linguístico de uma forma minimamente consistente”. (LUCCHESI & RIBEIRO, 2009, p. 126)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração de redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad.: Lúcia Lobato. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

_____. *O conhecimento da língua sua natureza, origem e uso*. Trad.: Ana Bela Gonçalves e Ana Tereza Alves. Lisboa: Caminho, 1986.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Trad.: José Miguel M. Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. 2000a. Tese (de doutorado). – UFR, Rio de Janeiro.

_____. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARAT, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009.

MATEUS, Maria Helena Mira. Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Trad.: Claudia Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUTHALL, A. (Org.). *Urban Antropology*. Londres: Oxford University Press, 1973.